

OS PALHAÇOS E AS MANIFESTAÇÕES DO EXCÊNTRICO NA RELIGIOSIDADE POPULAR DAS FOLIAS DE REIS EM JOÃO PINHEIRO (MG)

*THE CLOWNS AND THE MANIFESTATIONS OF THE ECCENTRIC IN THE
POPULAR RELIGIOSITY OF THE FOLIAS DE REIS IN JOÃO PINHEIRO
(MG)*

Maria Célia da Silva Gonçalves 1

Resumo: Este artigo tem por objetivo investigar as performances dos palhaços, enquanto manifestação do excêntrico na religiosidade popular das Falias de Reis de João Pinheiro (MG). Por meio de uma pesquisa qualitativa, efetivada com a execução da metodologia da História Oral de Vida e da Etnografia, buscou-se respostas para o seguinte questionamento: quem são os palhaços das Falias de Reis? Qual a sua importância no ritual religioso/cultural? Como são adquiridos e como são feitos os repasses de seus conhecimentos? O ser palhaço cria/recria uma identidade? Ser palhaço afirmar um papel social? Os palhaços das folias locais são homens do povo, com pouco estudo, poucos recursos financeiros, certamente essa função demarca o lugar na performance e insere o performer no seu ambiente social. Os resultados colhidos em campo sinalizam para importância dessa manifestação religiosa/cultura, assim com a necessidade de serem efetivadas políticas públicas de estudos, registros e fomentação da Falias de Reis e o repasse dos saberes de seus palhaços para novas gerações.

Palavras-chave: Palhaço. Performance. Folia de Reis. Religiosidades

Abstract: This article aims to investigate the performances of clowns, as a manifestation of the eccentric in the popular religiosity of the Falias de Reis in João Pinheiro (MG). Through a qualitative research, carried out with the implementation of the Oral History of Life and Ethnography methodology, we sought answers to the following question: who are the clowns of the Falias de Reis? What is its importance in the religious/cultural ritual? How are they acquired and how are their knowledge transferred? Does being a clown create/recreate an identity? Being a clown assert a social role? The clowns of the local revelries are men of the provo, with little education, few financial resources, this function certainly marks the place in the performance and inserts the performer in its social environment. The results collected in the field indicate the importance of this religious/culture manifestation, as well as the need to implement public policies for studies, records and promotion of Falias de Reis and the transfer of knowledge of its clowns to new generations.

Keywords: Clown. Performance. Falias de Reis. Religiosities

1 Pós-doutora em Educação Pela PUC-GO e Universidade Autônoma de Madrid (UAM). Pós-doutoranda em História pela Universidade de Évora. Pós-doutorado em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Escola de Ciências Sociais e CIDEHUS/Universidade de Évora. Doutora em Sociologia e Mestre em História pela Universidade de Brasília (UnB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9176266551850173>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5449-6916>. E-mail: mceliasg@yahoo.com.br

Introdução

As Folias de Reis são autos natalinos, provavelmente de origem ibérica que se estabeleceram em boa parte do Brasil, por ocasião da colonização portuguesa. Essa manifestação é constituída por grupos de cantadores e instrumentistas populares que saem em peregrinação na zona rural ou pelas ruas de João Pinheiro (MG) com suas cantorias em louvor ao Menino Deus e em busca de “esmolos” que são os donativos para a realização da festa de reis e ou para auxiliar pessoas que estão passando por necessidades econômicas.

Por meio da performance, os grupos de Folia de Reis de João Pinheiro vão criando/(re) criando uma identidade muito peculiar, marcando seu lugar social por meio da teatralidade de suas apresentações. Neste trabalho, a teatralidade¹ é pensada como jogo dos atores que potencializa o universo performático, ocupando primordialmente uma função: a de ser visto, notado e, dessa maneira, eternizado enquanto memória.

A Festa de Reis ocupa, nessa situação, uma posição de evidência devido à grande sociabilidade que propõe e oferece ao conjunto da sociedade pinheirense, possibilitando aos envolvidos inúmeros e entrecruzados olhares: “A teatralidade, como elemento da performance do ator, se refere ao seu desempenho na interpretação de uma obra. Portanto, é um modo de realização que não implica na autoria da obra em sua totalidade” (STELZER, 2007, p.130). Pensando dessa maneira, o folião é ator (*performer*²) de um teatro popular, a Folia de Reis. Ele interpreta uma história tão antiga quanto a Bíblia, mas ao mesmo tempo se renova a cada encenação.

Este artigo tem por objetivo investigar as performances dos palhaços, enquanto manifestação do excêntrico na religiosidade popular das Folias de Reis de João Pinheiro.

O palhaço também conhecido como marungo ou bastião, é uma figura muito importante no grupo, uma vez que ele é responsável pelo lúdico, vestindo roupas coloridas e sempre usando uma máscara, ele chega na frente da Folia de Reis e pede autorização ao dono da casa para o grupo adentrar. É portador de um conhecimento artístico performático adquirido por meio da oralidade e da tradição. Provocando medo nas crianças e risadas nos adultos por onde passa, dançando o lundu ou fazendo trovas e versos, sempre utilizando um certo deboche.

De acordo com o pesquisador Daniel Bitter,

A brincadeira do palhaço é, de certa forma, o lugar potencial da subversão, da desordem (ou de uma outra ordem), da criatividade, em contraste com a formalidade e a solenidade do canto, da música, das palavras e dos gestos dos foliões. Nesse sentido, os palhaços podem ser vistos também como portadores de ideias não-oficiais que apontam para uma ordem diferenciada do mundo. Nesta visão cosmológica, predominam a heterogeneidade, a aproximação de esferas e dimensões díspares e normalmente separadas e o rompimento de certas convenções (BITTER, 2008, p. 151).

Diante do exposto nasceu o seguinte questionamento: quem são os palhaços das Folias de Reis? Qual a sua importância no ritual religioso/cultural? Como são adquiridos e como são feitos os repasses de seus conhecimentos? O ser palhaço cria/recria uma identidade? Afirma um papel social?

João Pinheiro, universo da pesquisa, é um município localizado ao Noroeste do Estado de Minas Gerais, sendo a maior extensão territorial da unidade da federação, com 10.862 km² contando apenas com uma população estimada de 47.990 habitantes, constituindo um vazio demográfico

¹ A noção de teatralidade é complexa, a despeito de sua aparente simplicidade em constituir-se como um substantivo urdido a partir do adjetivo teatral. Em sua acepção comum e mais divulgada, a teatralidade designa algo levemente ostentatório ou arbitrariamente empreendido para gerar um efeito. (MOSTAÇO, 2007).

² Termo inglês, usado às vezes para marcar a diferença em relação à palavra ator, considerada muito limitada ao intérprete do teatro falado. O performer, ao contrário, é também cantor, bailarino, mímico, em suma, tudo que o artista ocidental ou oriental é capaz de realizar (to performer) num palco de espetáculo. O performer realiza sempre uma façanha (uma performance) vocal, gestual ou instrumental, por oposição à interpretação e à representação mimética do papel do ator. (PAVIS, 2003, p.284).

4,22 hab/km² (IBGE 2021). Esse fato dificultou a atuação do catolicismo oficial e proporcionou o surgimento de manifestações da religiosidade popular, tais como as Folias de Reis.

Fundada oficialmente em 1911, o município permaneceu isolado do restante de Minas e do Brasil devido à sua localização geográfica e à falta de estradas, fato que se manteve inalterado até a inauguração da rodovia BR 040, que foi efetivada pelo Plano Nacional de Viação, de 1973, momento no qual o município estabeleceu um contato maior com a capital mineira e com o Distrito Federal, adquirindo, assim, ares da modernidade. (SILVA; GONÇALVES; SILVA, 2011)

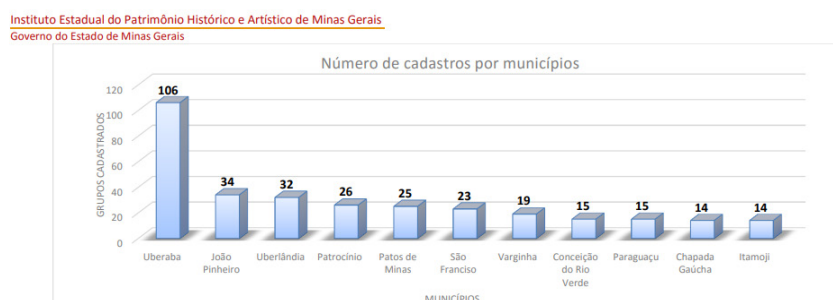
De acordo com Gonçalves (2011) as proporções territoriais, o vazio demográfico, a localização no sertão de Minas Gerais favoreceu a proliferação do catolicismo popular, uma vez que dificultava a entrada do clero oficial. Para a autora citada, esses fatores também podem explicar a introdução da fé em Santos Reis, uma vez que o acesso à medicina era extremamente complicado no município pelo seu isolamento até a construção da Rodovia BR 040. Quando alguém ficava doente era muito comum recorrer primeiro às Promessas a Santos Reis³.

Como todas as cidades do interior mineiro, mais pontualmente do Noroeste de Minas, a sociedade se formou sob os auspícios da religião católica e, ainda hoje, mantém os seus ritos e festas. Durante o ano, são celebradas as festas em homenagem aos santos devocionais, destacando-se, dentre elas, as festas em homenagem aos Santos Reis. Podem ser divididas em duas categorias: as festas de tempo, ou seja, aquelas que ocorrem no período de 24 de dezembro a 06 de janeiro e as festas de votos (temporãs), que são realizadas em qualquer época do ano, em agradecimentos a uma graça (milagre) alcançada.

As Folias de Reis consistem em uma tradição de grande importância na memória festiva religiosa e cultural do município de João Pinheiro, sendo por isso, registrada como patrimônio imaterial do município de João Pinheiro desde o ano de 2009. Portanto, desde esse momento o estudo e a divulgação dessa manifestação cultural têm provocado publicações e política de preservação no referido município. Faz-se mister ressaltar que esse artigo se constitui em um recorte da tese intitulada: “As Folias de Reis de João Pinheiro: Performance e identidades sertanejas no noroeste mineiro” e defendida no departamento de Sociologia na Universidade de Brasília no ano de 2010.

Naquele momento (2010) o município contava com 52 grupos de Folia de Reis, dos quais apenas 14 tinham a presença do palhaço. O tempo passou e em 2016 foi feito um inventário pelo Conselho de Patrimônio Municipal para atender uma solicitação do IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, que estava registrando as Folias de Minas Gerais como patrimônio imaterial do estado. O inventário buscou seguir as pegadas da pesquisa da tese e só conseguiu mapear 34 grupos em João Pinheiro, não mencionando a presença de palhaços. Registrado uma redução significativa da manifestação religiosa/cultural local.

Gráfico 1. Número de grupos de Folias cadastrados por municípios



Fonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais- Iepha (2016).

O gráfico acima demonstra o número de grupos de Folias mapeado pelo Iepha em Minas Gerais, onde pode-se visualizar João Pinheiro no segundo lugar com 34 grupos. Partido dessa

³ Promessa também conhecida como votos a Santos Reis. A pessoa promete aos Santos que se receber uma graça (milagre) irá realizar uma festa em agradecimento.

constatação, justifica-se a necessidade da realização de pesquisas, debates, rodas de conversar e principalmente de política pública local para salvaguardar a existência das Folias de Reis e consequentemente dos palhaços.

Salvaguarda nesse trabalho, entendida como a definido como o Iepha:

É o conjunto de medidas administrativas de natureza jurídica, técnica ou conceitual que visa a garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não formal – e a revitalização desse patrimônio nos seus diversos aspectos (IEPHA/MG, 2016, p. 162).

O caminho das pedras: percursos metodológicos

A pesquisa realizada pode ser descrita como qualitativa e se pautou pelas metodologias da História Oral e da Etnografia, uma vez se propôs a trabalhar com os depoimentos de vida dos atores sociais, os foliões que residem no município de João Pinheiro, com informações que traduzem as tradições, as crenças, as manifestações culturais e a fé.

A Etnografia foi responsável pelo registro do vivido, e está permeada pelos sentimentos e sacralizações que comandam a performance dessas pessoas durante a apresentação dos cantos da folia. O processo de pesquisa ocorreu durante o doutoramento da pesquisadora, momento que ela frequentou 56 Festas de Reis entre os anos (2006-2010).

Naquele momento foram gravadas entrevistas pautadas na modalidade da História Oral de Vida, tal qual teorizada e preconizada por José Carlos Sebe Bom Meihy (1996) em seu célebre manual de história oral. Os Foliões foram informados dos objetivos e convidados a participarem, fato prontamente aceito por eles.

As entrevistas foram realizadas com 137 foliões atuantes no município, mas para a realização desse artigo foi feito um recorte de 09 foliões tendo como critério de inclusão as entrevistas daqueles que exerceram a performance de palhaço. Após a obtenção dos dados colhidos as entrevistas foram transcritas na íntegra, apresentadas aos narradores, que as leram e concordaram ou propuseram mudanças e acréscimos de algumas outras lembranças. Os sujeitos participantes da pesquisa assinaram o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e concordaram da divulgação de suas identidades.

Sobre as Folias de Reis

As Folias de Reis provavelmente são de origem portuguesas, uma recriação dos cantares natalinos, as chamadas Janeiras que se aportaram no Brasil com a atuação dos Padres Jesuítas durante o processo de colonização. Como os povos nativos habitantes do país não falavam o português, os padres lançaram mão do teatro como instrumento de catequização.

Os temas escolhidos versavam sobre o nascimento, vida e morte de Jesus. Tudo era teatralizado, espetacularizado e performatizado para levar a nova religião os povos aqui existentes. Teatralizavam o nascimento por meio dos autos natalinos, a morte com as pomposas e teatrais celebrações da semana santa, que se constituíam em procissões com andores e a dramatização da paixão de Cristo.

Essa re/significação das Janeiras portuguesas deram origem as Folias de Reis brasileiras que cantam da Anunciação à Maria, nascimento em Belém e a viagem dos Três Reis Magos, guiados por uma estrela até encontrarem o Menino Deus. Em João Pinheiro, elas são grupos compostos por 14 a 16 cantores e instrumentistas populares que vão de casa em casa entre os dias 24 de dezembro e 06 de janeiro em busca das “esmolos”, donativos dos devotos para a realização da Festa de Reis.

Essa peregrinação, que rebe o nome de giro, constitui em um ritual composto por caminhadas,

cantorias, orações, performace do palhaço e danças dos participantes. Por ser um município muito extenso e utilizar da agricultura e pecuária como a sua principal fonte de renda, grande parte da população ainda vive na zona rural, portanto é comum encontrar os grupos de Folias peregrinando por entre as árvores e as veredas do cerrado pinheirense.

Figura 1. Palhaço da Folia da Tapera



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2015.

Figura 2. Palhaço da Folia do Clube do Cavalo



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2015.

Nas Folias de Reis existem várias funções na constituição do grupo: capitão, alferes, cantores, instrumentistas, bandeireiro e o palhaço. No caso de João Pinheiro esses grupos são compostos majoritariamente por homens, embora alguns grupos contam com a presença das mulheres como alferes ou como a 6ª voz. Normalmente, na Zona rural as mulheres se fazem presentes no pouso (lugar onde o grupo de folia pernoita) elas se ocupam da cozinha no preparo do almoço ou jantar que é servido aos foliões, enquanto o giro é feito em sua maioria pelos foliões do sexo masculino.

Sobre as funções nas Folias de Reis, de acordo com Gonçalves (2011) elas podem serem assim descritas:

Capitão – também conhecido como mestre, é a pessoa responsável por toda a organização e direção do grupo, geralmente é uma função ocupada por um homem mais velho e muito respeitado pelos componentes da Folia. A ele cabe a condução da cantoria, a decisão de onde e quando a Folia vai se apresentar e do ritual a ser seguido. Essa posição exige longos anos de aprendizado e atuação na Folia perpassando pelas outras funções.

Alferes ou bandeireiro- membro da Folia responsável pela condução da bandeira e por pedir autorização aos donos das casas para que o grupo possa adentrar. Normalmente anda um pouco à frente do grupo.

Foliões- membros da Folia responsáveis pela cantoria, sendo da primeira a sexta voz, instrumentistas, tocadores tais como caixeiro, pandeiro, violeiro e sanfoneiro. Geralmente esses personagens passam por anos de aprendizado feito por meio da observação, sem nunca terem frequentados nenhuma aula de música ou canto.

Palhaço – Figura geradora dessa pesquisa, trata-se um elemento dúbio, ora ele atua na esfera do sagrado, ora no mundo profano das Folias de Reis. Normalmente vestido de roupas coloridas, confeccionado em chita, um tecido de algodão estampado, barato de origem asiática (Índia) que se aportou no Brasil a partir do século XVI trazidos pelos europeus e que posteriormente passou a ser produzido no país e é largamente utilizado nas festas populares brasileiras. Utilizando sempre máscaras, no caso de João Pinheiro elas são elaboradas a partir de couro de animais. Essa personagem não está presente em todas as Folias pinhenses, e essa explicação da ausência dos participantes perpassa pela exigência no processo de aprendizado que é atribuída a esse artista.

Os Saberes e o fazer dos Palhaços

Trata-se de um fazer carregados de saberes, para se tornar palhaço de uma Folia de Reis são necessários longos anos de aprendizagem da performance. Normalmente feitos na observação, na experimentação, na tentativa do erro e acerto. Esses saberes são repassados de uma geração para outro e construído no cotidiano dos fazeres das Folias de Reis. Conforme Certeau (2005, p. 41), “[...] essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural”, re /significando seu funcionamento. Para ser palhaço é necessário saber, cantar, dançar, desafiar (em versos) outros palhaços e até confeccionar a sua própria máscara.

De acordo com o pesquisador Santos,

Eles usam máscaras confeccionadas, atualmente, com tecido, papelagem, papier mache, papelão ou, tradicionalmente, com couro de animais de pequeno e médio portes como cabra e bode (no passado era comum máscaras de pele de quati ou mesmo preguiça). As máscaras, de caráter rude, podem apresentar não só o couro do animal, mas seu pêlo também, e mesmo as de tecido são acrescidos com orelhas, dentes e narizes postiços, algumas vezes chifres, que somam a outros tantos diversos enfeites, como fitas, paetês, purpurinas e pinturas. Quase sempre apresentam barbas grandes, semelhantes ao estereótipo árabe, representando os soldados de Herodes. Acrescenta-se à máscara chapéus cônicos e afunilados denominados de cafuringas ou gafurinha (com bordados, espelhos e fitas coloridas) (SANTOS, 2008, p.107).

Ou ainda conforme (ARAÚJO, 1965, p.143) “[...] a máscara do palhaço é também de couro, cobrindo a face e se prolonga acima da cabeça em forma cônica, com uma pelota na ponta. [...]O Palhaço pouco fala, porém pula muito e é o que mais procura brincar com as pessoas que deparam na estrada, nas casas ou nas vendolas à beira do caminho.”

Brandão (2004, p. 248) também observou que “o palhaço é um personagem da folia.

Ele acompanha a jornada companhia e é um dos seus membros. No entanto teremos várias oportunidades de ver o seu comportamento ritual opõe-se ao de todos os outros. ” Figura emblemática e controversa no ritual das Folia de Reis de João Pinheiro é o palhaço. Sempre vestido com roupas coloridas e mascarado, esse é um componente responsável pelo lúdico das folias. Embora seja muito valorizado pela população local, apenas 15 dos 34 grupos de Folia de Reis contam com a presença do palhaço. Partido dessa observação é que se lança o seguinte questionamento: qual o papel desse personagem na folia? O que ele representa? Várias são as explicações sobre o palhaço, quer seja na literatura existente ou nas respostas dos entrevistados. Não existe um consenso sobre sua atuação, como enfatiza a pesquisadora Maria Claro Machado.

A figura mais controvertida da Folia de Reis é a do palhaço. Fruto da imaginação popular, a existência do palhaço conhece interpretações diferenciadas. Para uns, ele tem parte com o diabo, fazia parte do exército de Herodes como soldado e durante o caminho foi convertido pelos anjos, passando então a fazer parte da comitiva dos Reis Magos. Para outros, o palhaço foi um arranjo dos céus para despistar os soldados de Herodes. De qualquer forma, esta figura, indesejada em muitas folias, porque assusta as crianças ou porque intrometida desrespeitando as normas, simboliza o deboche, a alegria e a diversão expressas por meio das pilhérias que emite em tom jocoso (MACHADO, 2003, p.219).

As entrevistas de campo muito sinalizaram nessa direção. Não é raro encontrar foliões e devotos que explicam a figura do palhaço ora como os soldados de Herodes convertidos, ou até mesmo como os próprios Reis Magos. Uma vez que eles o enganaram e não revelaram a localização do Menino Deus. O certo que todos os entrevistados salientam a importância do palhaço como promotor do lúdico da festa.

O Senhor Rafael Porto, capitão de Folia de Reis enfatiza o papel lúdico do palhaço no ritual, ele deixa claro que a Folia de Reis é uma festa e, como tal, precisa de quem faça a diversão dos presentes, para ele:

*A Bíblia deve ter um problema com o palhaço, porque o palhaço não pode chegar ao presépio. O palhaço foi que ajudou a traír Jesus. Então ele não é bem aceito, em qualquer repartição. Se ele chegar num altar e tiver um presépio ele não pode presenciar, ele sai. Ele não pode ficar ali. Eu não sei por que tem isso com o palhaço, porque tem gente que vê problema ele chegar no presépio. Mas você vê a visita dos Três Reis na Lapa de Belém, não tinha palhaço. Ele é uma parte que faz uma diversão. O palhaço na folia ele quase que domina os foliões, ele chega, ele pede as coisas, ele rouba. **Folia de Reis é festa. O palhaço é para fazer brincadeira, ele faz muita brincadeira**⁴ (Grifo da autora).*

Na fala do entrevistado apareceu o caráter dúbio do palhaço participando de um ritual religioso ele é o responsável pela brincadeira, pelo lúdico, pelo jocoso. Evidenciando que na cultura/ religiosidade popular não existe separação entre o sagrado e o profano. Pelo contrário, eles se juntam, se entrelaçam para formar um saber e um fazer do povo, aqui no caso, dos devotos de Santos Reis, moradores do sertão profundo das Minas Gerais.

O Sr. João Rodrigues Paiva, folião e capitão de Folia, tem uma visão diferenciada do entrevistado anterior. Enquanto o Sr. Rafael Porto afirmou que os palhaços nunca acompanharam

4 Rafael Porto, 73 anos de idade. Capitão de folia. Entrevista concedida a pesquisadora em 27/09/2008.

os Três Reis Magos à Belém, Sr. João assegura que eles foram os primeiros a visitar o Menino Deus. No entanto os dois entrevistados concordam sobre a necessidade de o palhaço esconder o rosto e jamais revelar a sua identidade durante o ritual. Através das brincadeiras, inclusive corporais, assustam as pessoas, divertem-nas e as distraem, impedindo que os perseguidores encontrassem o salvador. Como observou a Pesquisadora Amorim, “interessante notar, já na própria narrativa, o caráter performático do palhaço que, através do disfarce, procura não revelar a sua verdadeira identidade” (AMORIM, 2007, p.76).

Sobre o fato de nem todas as Folias de João Pinheiro possuírem entre os seus membros palhaços, Sr. João explica,

Os palhaços velhos foram morrendo e os novos não têm influência com isto, né? E que o palhaço é o pastorinho, o palhaço tem que ser sabido. Nossa Senhora, o palhaço para entrar numa farda e pôr a máscara ali na cara, e pôr uma coroa na cabeça precisa saber mais que o capitão. Ele tem que ser sabido, porque ele é o palhaço, é os três pastorinhos quem visitou Jesus primeiro, foram os três pastorinhos. Eles chegaram olhou ele lá na caminha, virou caladinhos e foi embora, então é os palhaços. Por isto é três palhaços, é os três pastorinhos de Oliveira. Foram os três pastorinhos quem fez a visita primeiro, então eles andam na frente e o Rei Herodes não gosta. Pela regra o palhaço não pode deixar ninguém ver o rosto dele. Ele chega aqui, nós vamos cantar na casa de vocês, se tiver uma pessoa aqui, ele tem que chegar aqui como o rosto tampado, se ele quiser tomar um copo d'água, ele sai lá para fora, um dos foliões leva lá e ele dá as costas para o povo e toma⁵.

Esse entrevistado emprega a conotação do sagrado na figura do palhaço, identificando-o com os Três Reis Magos, demonstrando a sua ligação com Maria. No entanto, ele também atribui a ele a função de enganar Herodes. Para tanto, sempre tem que usar o anonimato, fato que se consuma com a manutenção do rosto sempre encoberto. Outro ponto salientado pelo narrador são os saberes necessários para que esse personagem da Folia de Reis possa exercer a sua função. Na sua fala fica claro a necessidade do repasse das tradições de uma geração para outra. Ele demonstra grande preocupação que esses saberes se percam no repasse da tradição em João Pinheiro.

Padre Preguinho que também é capitão de folia atribui à origem do palhaço a elementos da cultura cigana. Por que segundo ele, os magos eram da tradição cigana, embora em seu depoimento ele não ofereça elementos que caracterizem essa ligação. Para ele a grande contribuição do palhaço foi distrair Herodes para que o Menino Deus passasse. Na sua concepção isso explica o caráter lúdico da performance do palhaço. Inclusive no seu entendimento, para que alguém se torne palhaço é necessário que “o critério é o folguedo, a pessoa tem que ser alegre, ter coragem de brincar, eu diria uma pessoa divertida. Todos os palhaços eles têm essa característica.”

Sobre as origens do palhaço ele assim se expressou:

O palhaço é da cultura dos ciganos é a mesma coisa do circo, só que o palhaço, ele tem uma função muito importante na folia, porque os Magos, quando chegaram em Herodes ele pediu, olha vocês vão lá ver o menino, depois voltam para me avisar que eu também quero ir adorar. Como existia uma mentalidade de não aceitar outro rei, na verdade toda indagação de Herodes era para matar, inclusive depois até houve uma lei para matar toda criança macha que nascesse dentro de dois anos. Então os Magos, eles eram da tradição cigana sabiam fazer muitas acrobacias e descobriram que Herodes gostava disto, então vestiu de palhaço e foi fazer, enquanto na volta fez acrobacia os Reis passaram e não foram

5 João Rodrigues de Paiva, 74 anos de idade. Capitão da Folia do Café do Amigo. Entrevista realizada em 12/10/2007.

indagados, né? Por que ou eles contavam, ou eles morriam se contassem o menino morria. Então o palhaço significa, o seu significado na folia é a proteção do Menino, por isto é que o palhaço anda junto com a bandeira, aí toda pessoa que vê na rua ele faz graça para descontrair, pro Menino passar. Então até hoje as folias que tem um palhaço tem essa mesma perspectiva⁶.

O narrador ressalta a função do palhaço de proteção do Menino Deus, enfatizando que ele sempre anda junto com a bandeira e que o “fazer graças” também é uma estratégia dessa proteção.

Outro folião, Vicente de Paula Rodrigues de Paiva também falou da função do palhaço no ritual. Para ele esse personagem tem a função de guardar a bandeira, símbolo sagrado da Folia de Reis.

O palhaço é o sistema assim, para ser mais sincero ele é assim... é o guarda dos Três Reis, da bandeira, do Menino Deus, né? O palhaço, a distância de ele ficar da bandeira é de três metros, ele não pode ficar mais longe da bandeira, ele tem que sempre atento. Ele não pode sentar quando chega em uma casa, ele tem que ficar sempre em pé. Ele não pode entrar se o dono da casa não chamar. Os meninos têm medo do palhaço. O palhaço tem um mistério tão grande, que se seu marido for folião e ele vestir a farda, ele chega na sua casa, pede você para cantar, você chama ele para dentro, eles cantam e você não sabe se é ele. Não conhece mesmo! Eu já vesti né? Uma vez eu vesti e cheguei no meu sogro, minha mulher estava lá, meus meninos estava lá também ninguém me conheceu. Cheguei, entrei e pedi para cantar, o povo cantou e ninguém me conheceu. Ninguém conhece o palhaço!⁷

A narrativa do entrevistado evidencia um personagem cheio de mistério, lúdico e que transitam entre os dois mundos, o sagrado e o profano. Portador de um saber muito específico, que exigem silêncio e alegria, habilidade física e capacidade de memorização das letras dos desafios. Sua observação vai de encontro ao observando por Santos (2008, p. 109).

Os palhaços são impedidos de andar na frente ou mesmo de tocarem a bandeira, pois são impuros, representam o mal e, por isso, também não podem olhar e nem tocar nos presépios das casas visitadas e nem sequer entrar na casa. Ficam brincando e distraíndo as crianças no lado externo, enquanto os adultos rezam suas louvações em frente à representação do menino Jesus. Para que o palhaço possa entrar, deve retirar e esconder a máscara grotesca.

José Geraldo Brás da Silva, capitão da Folia do Clube do Cavalo também enfatizou a importância da atuação do palhaço para promover a alegria da festa.

O palhaço ele significa, é um dos magos também, um dos reis. Até tem folia que veste até três palhaços pra representar os três reis magos, né? Porque o palhaço ele tem que estar vestido pra ele chegar ali na porta e fala: o patrão. E fala uns versos, ele vai à frente da bandeira, e também para dar alegria,

⁶ Geraldo Martins da Mota, Padre Preguinho, 44 anos de idade. Padre e Capitão de folia em João Pinheiro. Entrevista gravada em 10/03/2009.

⁷ Vicente de Paula Rodrigues de Paiva, lavrador, 44 anos de idade. Folião do grupo do Bairro Água Limpa. Entrevista gravada em 12/1002007.

dançar catira. Aí o povo dá tanto ali, um real, dá um dote pra ele dançar, aí ele dança e canta verso, e ali vai. O Palhaço é para fazer alegria⁸.

Durante as realizações dos Encontros de Folias de Reis que acontecem anualmente em João Pinheiro, o momento das performances dos palhaços é sempre muito alegre e descontraído, atraindo a atenção do público. Normalmente os palhaços das folias pinheirenses dançam o *lundu* e cantam a *chula*. Em troca eles pedem pequenas quantias em dinheiro. Atraindo a atenção principalmente da criançada. Muito interessante a atuação dos palhaços da Folia da Fazenda Facão, que incluem em sua performance a distribuição de balas com para as crianças presentes.

Figura 3. Palhaços da Folia do Facão



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2016.

Figura 4. Palhaços da Folia do Facão



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2016.

Atualmente os palhaços têm a função de divertir o público, como ficou evidenciado em todas as entrevistas. Dançando ou cantando os versos, sarcásticos e engraçados, evidenciam habilidades e a capacidade de improvisar as suas chulas, causando riso no público presente. Monteiro (2004) afirma que em um momento da chula⁹ do palhaço, há um tipo de comportamento ritual que espelha justamente um sentimento oposto e coloca o palhaço na posição privilegiada de receber

⁸ José Geraldo Brás da Silva, 33 anos de idade. Capitão da Folia do Clube do Cavalo. Entrevista gravada em 12/10/2007.

⁹ A chula conta uma estória impossível, absurda, que provoca o riso e a gargalhada exatamente por este motivo.

donativos e agrados. É o momento, considerado muito especial, das ofertas, do dinheiro para o palhaço, que lhe é jogado enquanto ele dança e recita, instigando-o a criar um jogo interativo com a assistência. Este é o momento de agradecer o palhaço, de provar sua generosidade. O dinheiro é dele, mas também pode ser transformado em uma oferta à bandeira da companhia da Folia de Reis, se ele quiser.

João Oliveira Silva, palhaço há mais de 15 anos relata que:

Geralmente ser palhaço para mim significa tudo, ser mensageiro. Eu tenho várias mensagens. Essa mensagem veio da minha cabeça. Quer ouvir uma?

Quando eu olho um cruzeiro, vejo um rosto entristecido, é Jesus Cristo em sofrimento quando foi perseguido. Um bando de Soldados aos pés daquela cruz. Jesus foi arrastado. Nossa Senhora Chorando abraçou aquela cruz e pediu clemência aos soldados para que não crucificasse! Mesmo assim crucificaram a Jesus que é Rei dos Reis e só nos ensina com carinho. Ele morreu para salvar o mundo por isso tem a coroa de espinho¹⁰

Os foliões, de forma geral sentem-se como enviados, escolhidos por Deus, portadores de um saber próprio. É muito comum esse tipo de depoimento, momento em que demonstram uma grande alegria em fazer parte da performance, de ser incluído na comunidade, de ser inspirado por Santos Reis, um santo que não foi canonizado, mas é um santo do povo. Na verdade, ser folião é criar uma identidade, ser notado, ser visto e celebrado na performance. Essa é uma característica do Catolicismo Popular porquê de acordo com (BRESSANIN, 2020, p.165).

No itinerário da fé, muitos homens e mulheres afamados de santidade não chegaram a compor o cânone católico romano. No entanto, os santos cultuados pelo povo não se reduzem aos canonizados pela Igreja. Os “santos do povo” ou “os santos não oficiais”, reconhecidos pela devoção e crença populares, e não pela igreja institucional, marcam um modelo de catolicismo conhecido como popular. O rol de santos não canonizados e os movimentos para oficialização desses é significativo.

Outro folião afirma ter aprendido sozinho sua performance: trata-se do palhaço Bastião da Folia Fazenda Facão. Deleon tem 20 anos de idade, dança catira e lundu e encanta a todos da plateia, tamanha é a sua disposição e alegria; ele afirma “ninguém me ensinou a ser palhaço, desde pequeno eu fica observando o meu tio que era palhaço, um dia eu tava parado pensando e aquilo veio na minha ideia, acho que foi os Três Reis que me mandou um sinal, então eu fui para a folia”. Na dança de Deleon é possível observar a materialização do conceito de performance, pois ele vai improvisando os passos, os versos e vai se inteirando com a plateia, assim o original é o que está acontecendo naquele momento. Ele encara a sua brincadeira como uma devoção, durante a sua apresentação ele solicita donativos da plateia, que são destinados para o abrigo de São Vicente de Paula, entidade que recolhe idosos que não possuem famílias.

Nas palavras de Angelita Aparecida Ferreira de Souza, pedagoga, foliã da Folia da Tapera e secretária da Associação de folia de Reis de João Pinheiro:

Há mais ao menos uns três anos, o filho do segundo capitão, Marcos Vinicius assumiu a posição de palhaço dentro do grupo. Ele, com 24 anos desenvolve importante e excelente

10 João Oliveira Silva, vigilante noturno, 52 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 15/02/2010.

tarefa quando o assunto é alegria. Usa criatividade e consegue atrair com suas palhaçadas público de todas as idades. A aprendizagem adquiri se com o tempo e participação efetiva dentro do grupo, foi possível observar que, O palhaço é uma das figuras mais importante dentro do grupo quando falamos de funções, pois tem a fundamental tarefa em estar atento a todo movimento suspeito a volta de todos, embaixo de sua fantasia, ele observa por todos os lados fazendo movimento com o corpo, as vezes, durante o giro, quando o grupo está cantando, o morador coloca esmola em cima da bandeira e passa despercebido pelo capitão, o palhaço estando a frente, se o alferes não conseguiu avisar o capitão sem chamar atenção dos devotos, é papel do palhaço esta tarefa, ou , durante a chegada do grupo a uma moradia, o alferes segue a frente com a bandeira, mas, o palhaço segue junto , se tem movimento de animais que possam ser perigoso ao grupo , o palhaço precisa distrai-los para que todos possam adentrar. O boneco também junto do alferes bate à porta de entrada do morador e chama o, com um verso ele pergunta ao dono da casa se o grupo é bem-vindo para cantar, o verso se repete em todas as residências:

“ VIEMOS DO ORIENTE, PASSAMOS POR BELÉM, A PROCURA DO MENINO DEUS QUE NASCEU PARA O NOSSO BEM, CANTEMOS EM TODAS AS CASAS, QUER QUE CANTA AQUI TAMBEM? “

Se sim o morador responde, ele diz assim:

“ DE DENTRO OU DE FORA”?¹¹

Essa entrevistada também salienta a importância da figura do palhaço e as suas funções dentro do ritual das Folias de Reis de João Pinheiro. No caso dessa narradora, trata-se de uma folia da zona rural do município, que ainda no ano de 2022 guarda todas as tradições e peculiaridade do sertanejo do campo. Eles realizam um giro pela região, cumprido todas as tradições e rituais que eram feitos a mais de 50 anos passados.

Portanto, cabe ao palhaço a função de ir à frente e verificar a segurança do grupo inclusive a defesa até de animais como existia no passado, onças, cobras e vacas paridas; tudo isso emergem na escuta dos personagens envolvidos com as Folias de Reis de João Pinheiro. São os causos dos sertanejos que são contados pelos mais velhos nos pousos das Folia de Reis e escutados atentamente pelos mais jovens e as vezes por uma pesquisadora.

Considerações Finais

Os palhaços são foliões como os demais que compõem as Folias de Reis em João Pinheiro (MG). São artistas populares que aprenderam o seu ofício na observação, na tentativa e no erro, por meio da memória coletiva e dos ensinamentos dos idosos. No caso do universo pesquisado, trata-se em sua maioria homens provenientes da zona rural do município e que se sentem como porta-voz da Folia a qual pertence. Portadores de um conhecimento excêntrico que ritual das Folias de Reis.

A presença do palhaço é de suma importância no ritual religioso/cultural das Folias de Reis, eles são identificados de várias formas, variando muito de Folia para Folia. Mas um ponto

¹¹ Angelita Aparecida Ferreira de Souza, pedagoga, foliã e secretária da Associação de folia de Reis de João Pinheiro. Entrevista gravada em 06/07/2022.

de convergência na fala de todos entrevistados é que eles foram responsáveis pela segurança do Menino Deus na história bíblica e hoje são responsáveis pela segurança e alegria do terno de Folia.

Sem sombras de dúvidas o ato de ser um palhaço das Folias de Reis de João Pinheiro é um identificador social, marca um lugar na performance do grupo e afirma o seu papel na sociedade.

Faz-se necessário o investimento do município em políticas públicas que vise conhecer, registrar e fomentar a existência dos palhaços assim como das Folias de Reis no município. Uma vez que foi constatado a redução dessa expressão cultural/religiosa. É preciso que a população conheça, valorize e ame o seu patrimônio cultural imaterial das Folias de Reis.

Referências

AMORIM, Sara Passabon. **Folia de reis do Zumbi: uma prática performática**. 2007. vii, 150 f Dissertação (Mestrado em Teatro) -Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Faculdades Integradas São Pedro, Vitória (ES), 2007.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional. Festas, Bailados, Mitos e Lendas**. Volume 1. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis**. 2008, 191f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De Tão Longe eu Venho Vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia: Editora UFG. 2004.

BRESSANIN, César Evangelista Fernandes; **Padre Luso, o Santo de Porto Nacional**. In: BRESSANIN, César Evangelista Fernandes; ZITZKE, Valdir Aquino (org.). *Religiosidades no Tocantins* Curitiba: CRV, 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GONÇALVES, Maria Célia da Silva. **As Folias de Reis de João Pinheiro: Performance e Identidades Sertanejas no Noroeste Mineiro**. João Pinheiro: Patrimônio Cultural de João Pinheiro, 2011.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura popular e desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. . Acesso em: 12 jul. 2022.

LANGDON, E. Jean. **Performace e Preocupações Pós-Modernas na Antropologia**. In: TEIXEIRA, João Gabriel (Org). *Performáticos, Performace e Sociedade*. Brasília: Editora da UnB, 1996

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS – IEPHA/MG. Cadastro das Folias de Minas Gerais. **Inventário das Folias de Minas**. Belo Horizonte: IEPHA/DPM/GPI, 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996

MOSTAÇO, Edécio. **Considerações sobre o conceito de teatralidade**. Disponível em: http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume2/numero2/cenicas/Edelcio.pdf. Acesso em: 01/06/2009.

PAVIS, Patrice. **A Análise dos Espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SANTOS, Ivanildo Lubarino Piccoli dos. **Os palhaços das manifestações populares brasileiras:** Bumba Meu Boi, Cavalo Marinho, Folia de Reis e Pastoril Profano. 008 297 f. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual Paulista – UNESP “Julio de Mesquita Filho”. Instituto de Artes. São Paulo, 2008.

SILVA, Giselda Shirley da; GONÇALVES, Maria Célia da Silva; SILVA, Vandeir José da. **Histórias e Memórias:** Experiências Compartilhadas em João Pinheiro. João Pinheiro: Patrimônio Cultural de João Pinheiro, 2011.

STELZER, Andréa. **A performance do ator como teatralidade no cinema.** In: ouvirouver n.3 2007. Disponível em: www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/431/423. Acesso em 01 jun. 2009.

Recebido em 16 de junho de 2022.

Aceito em 16 de agosto de 2022.